

Letrônica

Casa de parquet

Juliana Teixeira Grünhäuser¹

“Eu vim hoje porque domingo vai ter churrasco da firma.”

“Ah! Quer um café?”

“Sim, obrigado.”

“Passo um café para ti, mas vou tomar chá. Como está o João?”

“Está bem.”

“Falei com o advogado hoje cedo.”

“Quer algo para beliscar?”

“Ele me disse que o senhor não fez nada do que havíamos combinado.”

“Aqui tem bolacha, pega. Comprei semana passada. São as preferidas da tua mãe.”

“Pai, tu não entende como seria importante para nós. Já conversamos tanto, o João está crescendo, o apartamento está pequeno e tu vive sozinho nessa casa enorme, com esse parquet todo carcomido.”

“São boas essas bolachinhas, mas a gente gostava mais daquelas da confeitaria Rocco.”

“Pai, será que dá para parar de fingir que não ouve o que estou dizendo?”

“Ouvir eu até ouço.”

“Então?”

“Então, o quê?”

“Vamos conversar sério, vão avaliar bem a casa, vai ser melhor para todos.”

“Está vendo aquela escada ali?”

¹ Juliana Grünhäuser é mestranda em Teoria da Literatura (Escrita Criativa) na PUCRS.

“Que tem ela?”

“Quando o marceneiro fez, estava toda errada e fora de esquadro. Me irritei tanto com ele que arranquei tudo, comprei ipê e, com a plaina, fiz todos os degraus.”

“Pai, alguém vai comprar, vai reformar e pagar um bom preço pela casa. Vamos no advogado juntos?”

“Acho que foi nesse degrau, se me lembro bem, que tu perdeu o primeiro dente de leite.”

“Por que tu tem que ser sempre tão egoísta? E fala que a tua maior preocupação é o João!”

“Sabe, meu filho, que, durante esses 40 anos de profissão, eu nunca quis trabalhar em vara de família. Mas a gente muda e parquet dá para trocar.”

Enviado em: 15/06/2010

Aceito em: 21/06/2011

Contato: juliana.grunhauser@gmail.com